

## Editorial

A segunda edição de 2018 da Revista Vazantes vem a público trazendo o dossiê **Políticas do Sensível: Sensorialidades, Sensualidades, Corporeidades**, dedicado principalmente às recentes pesquisas teóricas e artísticas que exploram os sempre mutáveis territórios sensíveis conectando corpo e mundo. Atenção aos trânsitos de significações que estruturam acoplamentos e disjunções entre o soma e o social não é algo novo, mas vem adquirindo novos vocabulários conceituais, novas metodologias de observação e análise, bem como novos contornos estéticos. A proposta deste dossiê é, portanto, um mapeamento desses territórios, no sentido de atualizar contextos e discussões que há um tempo ocupam projetos pós-fenomenológicos na filosofia do corpo e nas artes. A tirar pelas contribuições que recebemos, parece cada vez mais urgente atualizarmos o enquadramento político da discussão em torno das práticas somáticas na pesquisa em artes. Neste sentido, ressaltamos a importância de publicarmos uma tradução do trabalho da teórica Jill Green, nome fundamental nesse projeto de reenquadramento dos estudos somáticos dentro de um campo mais firmemente sócio-histórico.

Ao herdar modelos culturais, epistemológicos e ontológicos do humanismo e seus projetos de expansão política e colonial, as sociedades ocidentais e capitalistas modernas declararam uma guerra sistemática aos corpos e à própria vida. É na modernidade que vemos emergir o homem identitário, cindido pelo abismo entre o eu e o mundo. Esse sujeito moderno define-se pela presença soberana de uma consciência pensante que se ergue na ausência (ou ignorância) de um corpo sensível aos atravessamentos com o mundo e sua alteridade. Neste contexto, o pensamento lógico se edifica sobre a crescente perda do mundo e suas intensidades, cores, texturas, mobilidades, incertezas e surpresas. Juntamente ao projeto cartesiano, vemos emergir uma visão dual e hierarquizante de mundo fundamental à construção e sustentação do sistema em que vivemos, ainda nos dias atuais, e a partir do qual representamos e damos sentido às nossas práticas cotidianas, falas e relações. Infelizmente seguimos reproduzindo dicotomias: cultura-natureza; homem-mulher; homem-animal; mente-corpo; ciências naturais-ciências humanas; razão-sensação; inteligência-sensibilidade; mecanismo-vitalismo; forma-conteúdo; energia-matéria, entre outras. Estas oposições binárias definem o corpo enquanto elemento conectado com a natureza e a animalidade, possuindo qualidades organicistas. A história da filosofia nos

conta que foi o pensamento de René Descartes no século XVII que abriu caminho para o aparecimento da metáfora corpo-máquina. Durante toda a modernidade, o corpo passou a ser visto como uma máquina ou um dispositivo mecânico que funciona como um autômato de acordo com leis causais da natureza, retirando dele toda dimensão sensível, sensual e estética como modo próprio de conhecimento. A partir de então, é dada ao sujeito a condição objetiva e impessoal de refletir sobre o mundo, os corpos, os objetos e demais seres. Podemos afirmar que, neste contexto onto-político-epistemológico, o homem perde a experiência.

Mas esta história, como sabemos, foi perturbada pelo trabalho de Baruch Spinoza, que também no século XVII postulou novas leituras do homem e do corpo que passavam a largo dos dualismos cartesianos. No século XX, Spinoza e seu pensamento seriam recuperados por correntes filosóficas importantes que buscavam gerar novos vocabulários para uma crítica dos fundamentos dualistas da modernidade. Iniciada ainda em fins do século XIX e intensificada ao longo do século XX, a crise do sujeito moderno no Ocidente se fez visível nos campos políticos, sociais, antropológicos, filosóficos e artísticos. O corpo passou a ganhar um novo estatuto. Críticos ao projeto racionalista da modernidade, pensadores e artistas como Antonin Artaud, Friedrich Nietzsche, Rudolf von Laban, Sigmund Freud, Maurice Merleau-Ponty, Marcel Mauss, entre tantos outros, reivindicaram a busca pela redescoberta do corpo em suas respectivas áreas de atuação. Freud e sua proposta inovadora de psicanálise nos revelou a fragilidade da consciência racional a partir do inconsciente, cuja teorização dependeu naquele momento do escrutínio dos corpos sensíveis das chamadas “histéricas”. Antonin Artaud trouxe para a cena teatral a evocação do Corpo sem Órgãos, evidenciando para a arte e para a filosofia uma violência institucionalizada na cultura e na própria vida, contra a qual o dramaturgo se rebelava ao criticar o teatro logocêntrico europeu. A fenomenologia de Merleau-Ponty propôs a noção de “corpo próprio”, evidenciando o corpo sensível a partir das ideias em torno do corpo percebido e vivido. Segundo a psicanalista Suely Rolnik, a partir da fenomenologia operou-se um movimento de superação do idealismo transcendente em busca da reconquista do mundo, mas Merleau-Ponty manteve ainda em primeiro plano um sujeito carregado de intencionalidade diante dos objetos do mundo (ROLNIK, “Molda-se uma alma contemporânea: o vazio-pleno de Lygia Clark”, p. 8). A fenomenologia vai além do organismo, entidade meramente biológica, mas mantém-se ainda circunscrita no âmbito de um indivíduo centralizador, com suas percepções e sentimentos próprios. Numa direção pós-fenomenológica, Gilles Deleuze e Félix Guattari ressaltaram além do corpo organismo e do corpo próprio a existência de um plano de forças que faz passar intensidades qualitativas, gradientes e limiares, tendências dinâmicas com mutação e circulação de energia, uma verdadeira rede móvel e instável de forças, e não de formas, evidenciando a dimensão intensiva dos corpos. Em diálogo direto com estes autores e com estas premissas, o trabalho de Erin Manning, traduzido aqui, bem como as contribuições trazidas por Andrea Oliveira e Tania Gali, Tiago Fortes, Walmeri Ribeiro e Dani Lima oferecem reconfigurações importantes de leituras do

corpo, do self, da subjetivação pré-pessoal, do meio ambiente e da experiência em suas dimensões ao mesmo tempo teóricas, políticas e poéticas.

Mais especificamente no campo da pesquisa corporal, ainda entre os séculos XIX e XX emergem nos países do norte europeu e nos Estados Unidos o advento do Movimento Corporalista, que mais tarde veio a ser designado por Educação Somática. Diversos pesquisadores desenvolveram técnicas, práticas e métodos corporais pautados em uma semelhante abordagem do complexo corpo-mente envolvendo domínios como o sensorial, o cognitivo, o motor e o afetivo (FORTIN, “Educação somática: novo ingrediente da formação prática em dança”, p. 40). Dentro deste campo de conhecimento, a matéria corpórea passou a ser matéria prima para a construção de um conhecimento de si e do mundo. A partir de um exercício de alargamento sensório-perceptivo, estas práticas somáticas atuam como propositoras de uma experiência de abertura à criação de um corpo “outro”, expandindo os limites de suas organizações demasiadamente condicionadas em automatismos cristalizantes. De um modo geral, as práticas somáticas convidam o corpo a exercitar os sentidos fora do regime restrito da representação. Assim, a partir de um convite à experimentação dos sentidos no âmbito prismático das sensações, o corpo tem a oportunidade de experienciar o mundo e a si mesmo para além da representação de corpos, objetos e signos já dados.

Os efeitos da Educação Somática para a pesquisa em artes são irrevogáveis. Este dossiê traz uma rica coleção de escritos e proposições poéticas que exploram os desdobramentos destes efeitos. Em “Política do Sensível: práticas somáticas e corpo-campo-coletivo”, as artistas-pesquisadoras Catarina Resende, Patrícia Caetano (co-editora deste número) e Ruth Torralba alargam qualquer noção restritiva do corpo e do sujeito num evocativo artigo sobre práticas coletivas de resistência política nos dias que se seguiram ao brutal assassinato da vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ). Joana Ribeiro relê as trajetórias das coreógrafas Anna Halprin e Angel Vianna, destacando como os processos criativos de ambas se inscrevem no caráter vivido e contextual do percurso de ambas como mulheres que vão inaugurar novas possibilidades para o movimento dançado. Em diálogo direto com suas obras e processos artísticos, a artista-pesquisadora e precursora da performance no Brasil Bia Medeiros (em coautoria com AIIA Soub), Carlos Alberto Ferreira, Mara Leal, Luciana Hoppe, Elizabeth Pacheco (et al.), Valeria Leon e Felipe Gonzalez elaboram artigos, ensaios e escritas experimentais que partem da premissa de que a arte pensa o mundo, de que a obra ressalta as tensões, as limitações e ao mesmo tempo as potencialidades e virtualidades presentes na corporeidade socialmente constituída. Juliano Gadelha revisita os estudos sobre a sensação a partir de um recorte pós/anti/colonial e articula uma proposta vigorosa de metodologia para a pesquisa em artes. Lailah de Aragão e Ronaldo Fortes revisitam Karl Marx e outros sociólogos e reativam um debate acerca das relações entre o sensível e a alienação. Kaciano Gadelha escreve sobre como as performances artísticas de Edilson Militão e de Pêdra Costa lidam com os fantasmas e fantasias coloniais que sustentam a necropolítica dos corpos na

contemporaneidade. Robson Loureiro (et al.) busca na dança de rua e no Hip Hop uma expressão de resistência política no contexto tanto poético quanto pedagógico que teima em estabelecer gramáticas normativas para a criação artística em dança. Sofia Karam explora a sensorialidade e a sensualidade a partir da zona/espço tátil instaurado entre filme e espectador na obra da realizadora francesa Claire Denis. Silvia Roque Figueroa e Klayton Rattes oferecem um experimento etnográfico da Comunidade do Trilho, em Fortaleza, através do desenho. E o dossiê conta ainda com mais duas proposições poéticas dos artistas Ariel Cheszes (Argentina) e Andrea Rey (Colômbia).

Recebemos, como é possível perceber, uma quantidade considerável de excelentes contribuições ao tema desta edição, variando deste artigos científicos até ensaios e proposições poéticas em distintos suportes. Ao levar em consideração a crescente qualidade de pesquisas de pós-graduação em artes tomadas por questões que aprofundam as relações entre corporeidade e experiência, bem como uma atenção mais afiada na filosofia contemporânea aos novos processos de corporificação (*embodiment*), e das dimensões fenomenológicas que antecedem e/ou extrapolam a formação do “sujeito” psicológico da modernidade, a Revista Vazantes entrega assim aos leitores e à comunidade acadêmica este dossiê especial, as **Políticas do Sensível: Sensorialidades, Sensualidades, Corporeidades**.

**Patrícia de Lima Caetano e Pablo Assumpção Barros Costa**